

“APENAS 70 ANOS ... DA FUNDAÇÃO DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, CMI (1948-2018)”***“APPENA 70 ANNI... DALA FONDAZIONE DEL CONSIGLIO ECUMENICO DELLE CHIESE, CEC (1948-2018)”**

Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques**

Prof. Dr. Riccardo Burigana***

Em 23 de agosto de 1948, em Amsterdã, foi oficialmente criado o *Conselho Mundial de Igrejas*, CMI¹. Essa decisão foi tomada durante uma assembleia especialmente convocada para dar vida ao organismo do qual já se falava há 30 anos, desde quando

* A primeira parte do texto, relativa ao dossiê, escrita originalmente em italiano pelo Prof. Riccardo Burigana, foi traduzida pelo Prof. Luiz Carlos Luz Marques, responsável pela segunda parte, relativa aos artigos das seções “Temática Livre/Free Subject” e “Resenha/Recensão – Book reviews”.

** Doutor em História das Religiões pela *Università degli Studi*, Bolonha, Itália (1998). Vice-coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, PPG-CR (Mestrado e Doutorado, nível 4), da UNICAP (a partir de 2018). Professor, desde 2004.2, do Curso de Licenciatura em História e membro do colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, PPG-CR da mesma Universidade, desde 2006.1. Membro do Comitê Gestor do Projeto de Internacionalização da UNICAP (a partir de 2018). Membro do Comitê Científico de Pesquisa, CCP (desde 2014). E-mail: prof.luizcarlosluzmarques@gmail.com. Academia.edu: <https://unicap.academia.edu/LuizCarlosLuzMarques> e <https://luizcarlosluzmarques.academia.edu/>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6037-3245>.

*** Dottore in Scienze Storiche per l'*Università degli Studi di San Marino* (1991). Professore della *Pontificia Università Antonianum di Roma*, all'*Istituto San Bernardino di Venezia*. Dirige il *Centro per l'Ecumenismo in Italia*, sediado a Venezia. Presidente dell'*Associazione Italiana dei Docenti di Ecumenismo*. Dal 2011, direttore scientifico della *Rivista Colloquia Mediterranea (Fondazione Giovanni Paolo II)* e della collana *Quaderni di Colloquia Mediterranea*, della stessa Fondazione. Dal 2008, è direttore della *Rivista elettronica mensile Veritas in caritate: Informazioni dall'Ecumenismo in Italia (Centro Studi per l'Ecumenismo in Italia)*. Dal 2014, è codirettore della *Rivista elettronica mensile Ecumenismo Quotidiano: Lettera di collegamento dell'ecumenismo in Italia*, dalla *Conferenza Episcopale Italiana*. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5025-8892>. Academia.edu: <https://isevenezia.academia.edu/RiccardoBurigana>. E-mail: direttore@centroecumenismo.it.

¹ World Council of Churches, WCC. Portal: <https://www.oikoumene.org>. Portal em português: <https://www.oikoumene.org/pt>.

a proposta havia sido lançada pelo bispo luterano sueco Nathan Söderblom, da criação de um local onde as Igrejas pudessem encontrar-se, para descobrir o que poderiam fazer juntas para manifestar a comum vontade de viver a unidade da Igreja e dar testemunho dos valores cristãos na sociedade. O bispo luterano tinha em mente, principalmente, a construção da paz, para a qual ele acreditava ser essencial o compromisso das Igrejas, à luz da terrível experiência da Primeira Guerra Mundial, e não só.

A proposta inicial de Söderblom, que, em 1930, recebeu o Prêmio Nobel da Paz, permaneceu, inicialmente, à margem dos debates entre os cristãos, especialmente aqueles que estavam diretamente envolvidos na busca de caminhos para superar as divisões entre as diversas identidades cristãs, tal como foram formadas ao longo dos séculos, muitas vezes em nítida contraposição entre elas.

Somente nos anos 30, em consequência das mudadas condições políticas na Europa, com o consolidar-se da revolução bolchevique e o surgimento do nazismo, tornou-se a cultivar a ideia de que as Igrejas devessem encontrar uma “casa” na qual pudessem avaliar o quanto unidos eram os cristãos, além das diferenças confessionais, na recuperação do patrimônio comum, enraizado nas Sagradas Escrituras. A Segunda Guerra Mundial, na qual tantos cristãos, em lugares diferentes, fizeram a experiência direta da profunda ligação entre testemunho da fé cristã e caminho ecumênico, congelou, mas não destruiu o projeto visando à constituição de um Conselho de Igrejas, elaborado pelo pastor holandês Wilhelm Visser’t Hooft, que o reapresentou, ao encontrar em muitos apoio e incentivo, uma vez encerrada a Guerra que não trouxe a paz, mas abriu novas e profundas feridas.

Por essa razão, em Amsterdã, em 1948, foi concluída uma longa e não simples jornada, que contou com a participação de muitos cristãos, entre os quais, nunca devemos esquecer, até mesmo aqueles que, sob diferentes perspectivas, criticavam profundamente o nascimento desse organismo ecumênico. Apesar da indeterminação inicial dos objetivos e propósitos do Conselho, tanto que foi necessária uma reunião do Comitê Diretivo, em Toronto, em 1950, para definir sua natureza e suas relações com as Igrejas. Ficou evidente então que, com o seu nascimento, o Conselho Mundial



de Igrejas, com sede em Genebra, abriu uma nova fase, não só na história do movimento ecumênico, mas também nas das próprias Igrejas.

De fato, em breve, sem ter qualquer pretensão hegemônica, tornou-se claro que o Conselho de Genebra se havia tornado o ponto focal do caminho ecumênico, mesmo para aqueles que não tinham tomado parte na sua criação, como a Igreja Católica, o Patriarca de Moscou e muitas das Igrejas Ortodoxas e do Conselho Missionário Internacional, pelo conteúdo e estilo dos projetos que foram elaborados para encontrar sempre novas oportunidades de testemunhar a Igreja una. Através da celebração das Assembleias Gerais, a cada sete anos, nas quais os delegados das Igrejas se reúnem para um balanço do que foi feito e para uma discussão sobre o que fazer no futuro, o Conselho Mundial de Igrejas tornou-se um protagonista absoluto do movimento ecumênico e este papel foi, de certa forma, fortalecido pelo Concílio Vaticano II, durante o qual, entre outras coisas, a Igreja Católica repensou profundamente os conteúdos e formas de sua participação no movimento ecumênico.

Precisamente, desde o Concílio Vaticano II, o Conselho Mundial de Igrejas desenvolveu uma multiplicidade de relações com a Igreja Católica, embora essa não tenha entrado nele. Por outro lado, quase todas as Igrejas Ortodoxas o fizeram, especialmente durante a Assembleia Geral de Nova Délhi (1961), abrindo novas perspectivas para o caminho ecumênico, sobretudo na direção de uma presença ecumênica cada vez mais ativa na sociedade para o testemunho dos valores cristãos e a busca de formas de colaboração inter-religiosa para a afirmação dos direitos humanos.

Em 2018, o Conselho Mundial de Igrejas recordou o início dos anos setenta de sua atividade, com um programa de reuniões e projetos com o qual propunha, por um lado, promover a transmissão da memória dos passos dados pelos cristãos para superar o escândalo das divisões, para um conhecimento cada vez melhor dos acontecimentos do movimento ecumênico e, por outro, para reafirmar a prioridade da dimensão ecumênica da missão de proclamar a Boa Nova para as comunidades cristãs, não por uma escolha humana, mas em obediência às palavras de Cristo.

Precisamente para fomentar um melhor conhecimento do passado e do presente do movimento ecumênico, com particular atenção ao papel do Conselho Mundial de



Igrejas, nasceu a ideia de publicar um número da revista *Paralellus*, a fim de oferecer elementos para entender as dimensões histórico-teológicas do movimento ecumênico no século XX e propor novos caminhos de pesquisa com os quais se possa explorar a memória histórica, em tantos casos tão pouco investigada, do ecumenismo para dar um horizonte ao que muitos estão fazendo pela causa da unidade visível da Igreja. Onze autores, ligados a diferentes centros de pesquisa, na Europa e nos Estados Unidos, responderam ao nosso convite com colaborações de grande valor.

Em primeiro lugar, Caterina Ciriello, professora de Espiritualidade Ecumênica da Universidade Urbaniana de Roma, autora de inúmeros estudos sobre a participação das mulheres na vida da Igreja ao longo dos séculos, da evangelização da Europa à celebração do Concílio Vaticano II, propõe uma reflexão sobre o que pode e deve ser feito no início do século XXI, no campo ecumênico, para encontrar novas maneiras de favorecer uma presença cada vez mais ativa das mulheres na vida da Igreja.

Franco Dal Nin, presbítero da arquidiocese de Udine, professor de Ecumenismo e diálogo inter-religioso do Instituto Superior de Ciências Religiosas de Udine, parte da Faculdade Teológica do Trivêneto, de Pádua, autor de um ensaio recém-publicado sobre Paulo VI e o caminho ecumênico, vale-se exatamente das notícias mais recentes, para analisar a visita do Papa Francisco a Genebra, em 21 de junho de 2018, como parte das comemorações dos setenta anos do Conselho Mundial de Igrejas e delinear a longa temporada de relações entre Genebra e Roma, desde os dias de Paulo VI.

O padre dominicano Luca De Santis, biblista, diretor do Instituto de Teologia Ecumênico-Patristica São Nicolau de Bari, incorporado à Faculdade de Teologia da Apúlia, lembra a centralidade da Palavra de Deus no caminho ecumênico contemporâneo, especialmente após a celebração do Vaticano II, que abriu novas perspectivas na tradução interconfessional do texto bíblico.

Joseph Famerée, professor da Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, que dedicou grande parte de sua pesquisa à teologia ecumênica, desde seus primeiros trabalhos sobre a figura do dominicano francês Yves Congar, um dos pais do ecumenismo na Igreja Católica, propõe uma reflexão sobre a contribuição dos teólogos para a caminhada ecumênica, na qual fluem pensamentos e estudos, muitos



dos quais foram publicados recentemente em uma coleção (*Ecclésiologie et lecumé, Recueil d'études, Leuven, 2017*), que representa uma fonte preciosa e frutífera para continuar o aprofundamento das questões ainda abertas no diálogo ecumênico.

O franciscano Roberto Giraldo, professor do Instituto de Estudos Ecumênicos, com sede em Veneza, mas incorporado à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade *Antoniana*, em Roma, apresenta o estado do diálogo ecumênico, começando com os documentos mais recentes, para indicar que é, a partir desses documentos, que novos cenários são estabelecidos na pesquisa teológica, com uma crescente atenção à recepção na vida das comunidades locais do que tem sido discutido e assinado nos muitos diálogos bilaterais que animam a Igreja em vários níveis.

A intervenção de Vincent Ifeme Chukwumamkam, um presbítero nigeriano, que atualmente vive seu ministério na diocese italiana de San Benedetto del Tronto, professor de ecumenismo no *Istituto Superiore di Scienze Religiose Redemptoris Mater*, analisa a relação entre imigração e diálogo ecumênico na Itália.

O franciscano Ivan Macut, professor de História da Igreja e Teologia Ecumênica da Universidade de Split, membro da Comissão Internacional para o Diálogo da Ordem Franciscana, lida com um aspecto central do ecumenismo do século 21, ou seja, as consequências do encontro Ecumênico de Lund, 31 de outubro de 2016, entre o Papa Francisco e o bispo luterano Younan Munib, então presidente da Federação Luterana Mundial, com quem abriu o ano da comemoração comum dos 500 anos do início da Reforma.

As duas intervenções seguintes são dedicadas a aspectos específicos do diálogo teológico: na primeira, Andrea Malfatti, professor do Instituto de Estudos Ecumênicos em Veneza, trabalha com o tema do ministério ordenado, tratado pela Comissão de Fé e Constituição do CMI, da qual fazem parte, também, teólogos católicos, enquanto na segunda, o franciscano Russell Murray, com um doutorado em teologia dogmática e uma licença em teologia ecumênica, com anos de ensino nos Estados Unidos, atualmente presidente da Comissão Internacional para o diálogo da Ordem Franciscana, propõe uma interessante reflexão sobre a dimensão da recepção do diálogo católico-anglicano internacional sobre a questão do primado.



O franciscano James Puglisi, da Procuradoria Geral da Ordem, professor da Pontifícia Universidade *Angelicum*, diretor do Centro *Pro Unione* de Roma, reflete sobre os passos dados pelo movimento ecumênico para alcançar uma comunhão visível entre os cristãos, apesar das questões teológicas que ainda são objeto de diálogo ecumênico, para aprofundar precisamente a comunhão que já é testemunhada pelos cristãos em muitos lugares e em muitas formas.

Finalmente, o padre capuchinho Pier Giorgio Taneburgo, professor do Instituto de teologia ecumênico-patristica de Bari, propõe uma leitura da presença da teologia ecumênica nos caminhos de formação da Igreja Católica, definidos pelas constituições apostólicas *Sapientia christiana* (1979) e *Veritatis gaudium* (2018), sublinhando o renovado interesse na dimensão ecumênica da formação por parte do Papa Francisco.

* * *

Na seção da *Paralellus* dedicada aos artigos de temática livre, selecionamos, para essa edição, outros seis artigos. O presente número se encerra com uma resenha.

No primeiro artigo, Mauro Rocha Baptista analisa a evolução do ensino religioso no contexto recente do Brasil, desde a Constituição de 1988 até a recente postura do Supremo Tribunal Federal, STF, ao considerar a possibilidade do ensino religioso confessional nas escolas de um estado formalmente leigo.

No segundo artigo, Augusto Acioly Paz Silva procura entender o papel que, em Pernambuco, a imprensa patrocinada pela Maçonaria teve, no processo de construção de um espaço para difundir suas ideias e defender as premissas que construíram, entre os membros, laços de solidariedade e formação intelectual.

Na terceira, Maura Regina Petruski procura discernir os princípios que serviram de referência para a organização das práticas religiosas no tempo bíblico do Antigo Testamento, escolhendo a Bíblia como fonte de pesquisa sobre uma sociedade do passado e analisando as festas religiosas ali privilegiadas.



No quarto artigo, os autores, Paulo Julião da Silva e José Roberto de Souza, tiveram como objetivo analisar os discursos produzidos pelo pregador batista L.M. Bratcher, e publicado nas páginas de *O Jornal Batista*, resultados de sua jornada, em 1935, pela Amazônia.

No quinto artigo, Sérgio Sezino Douets Vasconcelos e Hélio Pereira Lima discutem a relação de afinidade entre os pensamentos de Weber, Adorno e Horkheimer, sobre o desencantamento do mundo.

Por fim, Ângela Cristina Borges Marques e Daniel Antunes Freitas, no último artigo, apresentando um dos rituais da Umbanda Sertaneja, presentes no sertão setentrional do Estado de Minas Gerais, destacam como as relações entre os seres humanos e o meio ambiente estão presentes nas mais diversas formas e nas diferentes etapas do desenvolvimento individual e coletivo desse culto.

Na seção “Resenha/Recensão”, João Paulo Reis Braga apresenta sua leitura de FESER, Edward. *A Última Superstição: Uma Refutação do Neoteísmo*. [trad. Eduardo Levy]. Belo Horizonte, MG: Ed. Cristo Rei, 2017, p. 320.

